


Resenha de *O crush de Álvares de Azevedo*


Review of *O Crush* by Álvares de Azevedo

Autoria: Amanda Fernandes Teixeira Cordeiro

 <https://orcid.org/0000-0003-4603-7661>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.187585>

Autoria: Rhuan Fernandes de Oliveira

 <https://orcid.org/0000-0003-0764-6210>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.187585>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/187585>

Recebido em: 21/06/2021. Aceito em: 09/12/2021.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira


Ano 10, nº 19, ago.-dez., 2021.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

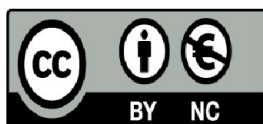
Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.  fb.com/opiniaes

Como citar (ABNT)

RESENDE, Ana; OLIVEIRA, Rhuan Fernandes de. Resenha de *O corpo descoberto: contos eróticos brasileiros (1852-1922)*. *Opiniões*, n. 19, p. 321-330, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.187585>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/187585>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais

resenha de *O crush de* *Álvares de Azevedo*

Review of *O crush* by *Álvares de Azevedo*

Amanda Fernandes Teixeira Cordeiro¹

Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.187585>

Rhuan Fernandes de Oliveira²

Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.187585>

¹ Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP), Professora adjunta na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Campus de Garulhos. E-mail: amanda.cordeiro@unifesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4603-7661>.

² Graduando em Letras Português e Espanhol na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: rhuan.fernandes@unifesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0764-6210>.

Resumo

Resenha do livro *O crush de Álvares de Azevedo*, de Jandiro Adriano Koch.

Palavras-chave

Álvares de Azevedo

Romantismo

Relação amorosa

Biografia

Abstract

Review of the book *O crush de Álvares de Azevedo*, by Jandiro Adriano Koch.

Keywords

Álvares de Azevedo

Romanticism

Love relationship

Biography

enquanto aqui dentro do peito bater - me quente o coração

Em *O crush de Álvares de Azevedo*, de forma cuidadosa, Jandiro Koch reúne dados sobre o poeta Álvares de Azevedo e seu amigo no Colégio Pedro II e da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, Luiz Antônio da Silva Nunes, para observar, segundo o historiador, “como o dente-de-leão floresce nas rachaduras do concreto” (KOCH, 2020, p. 14), ou seja, a obra se constrói com força e delicadeza, parece não encontrar barreiras diante de todos os apagamentos encontrados pelo caminho. O cânone da literatura brasileira tem se desenvolvido como se todos os nossos autores fossem homens brancos e heterossexuais e Jandiro nos leva a diversos questionamentos. Ao decorrer das 152 páginas do livro, entre um capítulo e outro, o leitor se deparará com a perspicácia do autor em furar a barreira da dicotomia “Heterossexual x Homossexual”, ao trazer a sua obra a ponderação quanto às opiniões dos críticos literários e os materiais pesquisados e colocados dentro de *O crush* — respeitando, assim, os dois biografados, mas sempre levando em conta o “E se?”. Como na maiêutica socrática, o autor, muitas vezes, prefere não dar respostas, mas lançar novas perguntas. Dividir com o leitor os silêncios da história, as dúvidas, apontar novas leituras...

Dessa forma, Jandiro se preocupa, às vezes, em sinalizar sobre as suas próprias vivências e levantar questionamentos na obra. Inicialmente, em “Disputas narrativas”,³ o autor apresenta a ideia central do livro, assim inserindo o leitor dentro do debate sobre a orientação sexual de Álvares e a amizade com o amigo Silva Nunes. Para tanto, ele cita o embate entre Luiz Mott e Reinaldo Azevedo, no qual o primeiro afirmou que Álvares era gay enquanto para o segundo era heterossexual. Entretanto, desde o prefácio escrito por Luís Augusto Fischer, é evidente que há uma preocupação não em definir lados, mas, sim, pensar no “lugar de fala” dos que contribuíram com as produções sobre Álvares de Azevedo. Ou seja, o objetivo não é tachar “A” ou “B”. E, além das brechas, propositalmente criadas pelo autor, há, também, o uso de seu repertório pessoal para reforçar a discussão.

Em *O Crush*, por exemplo, Jandiro também coloca em cena a sua relação com o movimento LGBTQI+. É interessante ter em vista que o autor, além de tratar sobre a vida de Álvares e Silva Nunes ou até mesmo discorrer sobre a visão da sociedade quanto aos homossexuais, traz a sua opinião através da própria experiência a respeito do movimento. Ele, muitas vezes, aproxima a sua obra e pesquisa de si mesmo:

Quando, há muitos anos, eu participava de encontros de coletivos *trans*, alguns organizados pela rede *Igualdade*, de Porto Alegre, muito me deslocavam as exigências de adequações corporais, uso de nome social, entre outras. Embora

³ O livro é dividido em pequenas seções ou tópicos.

compreendesse as razões daquelas lutas identitárias, não me afinava determinados pressupostos que tod@s deveriam adotar para ser reconhecid@s como pares. (KOCH, 2020, p.15). (sic).

Ou seja, o autor não hesita em mostrar-se no texto. Pode-se ter esta percepção ao decorrer da leitura e se atentando a pequenos detalhes, assim como nas notas de rodapé — outro ponto importantíssimo na escrita deste livro. Além do trabalho em questão, Jandiro aborda estes temas, de identidade e orientação sexual, em um bate-papo no canal da editora Libretos. Esta conversa⁴ pode ser considerada um adicional para o leitor entender os motivos que levaram o autor a produzir a obra com um certo tom autobiográfico.

Em uma das seções iniciais, “A lenda dessa paixão”, o autor cria mais uma de suas reflexões acerca das barreiras impostas pela sociedade e a questão da sexualidade. Baseado no livro *@s outr@s cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro*, de Carlos Figari, retoma a ideia de que um dos célebres professores de Álvares e Silva Nunes, no colégio Dom Pedro II, e também precursor do Romantismo brasileiro, Gonçalves de Magalhães, foi um “homossexual notório” (KOCH, 2020, p. 21). Através desta afirmativa, o autor faz um paralelo com o personagem Babá, de seu livro anterior. Este paralelo se refere às imagens criadas sobre os homossexuais no século XIX, as quais poderiam variar dependendo da classe social do indivíduo retratado.

Assim, indaga o autor ao escrever que, no caso de Gonçalves de Magalhães, um homem da elite, houve apenas o silêncio, ou seja, omitiram a sua reconhecida orientação sexual. Enquanto no caso de Babá, o qual era um homem negro, do subúrbio, restaram-lhe as acusações de sodomia e achincalhamentos nos jornais, ainda mais por estar ligado à prostituição. Ao trazer estas ponderações, já no início do livro, abrem-se as possibilidades, provoca-se o leitor.

Ainda nesta seção inicial, o leitor tem contato com a trajetória de Álvares durante seus momentos iniciais na Faculdade de Direito, em São Paulo, no ano de 1848. É comentado, pelo autor, sobre a Sociedade Epicureia, fundada pelos estudantes de direito da época e da qual o poeta foi cofundador, juntamente com outros amigos, tais quais o poeta Aureliano Lessa e o escritor Bernardo Guimarães — entretanto para alguns historiadores, como Homero Pires, esta sociedade de estudantes teria se limitado a 1845, ou seja, bem antes da chegada de Azevedo. O tal grupo tinha como objetivo, colocar em prática as extravagantes fantasias retiradas das obras do poeta inglês Lorde Byron.

Ao tratar desta sociedade de estudantes, Jandiro traz ao leitor, através de um ponto de vista próprio, o embate entre o real e a ficção. A Sociedade Epicureia é retratada como um grupo secreto, no qual havia cultos, recitais fúnebres, invocações macabras, orgias, álcool e o local de encontro era localizado em uma casa em frente a um cemitério de escravos e indigentes.

⁴ Disponível em: https://youtu.be/Afl_p2KRA3Y. Acesso em: 15 jun. 2021.

Reais ou fictícios, os acontecimentos, acima descritos, fato é que fizeram florescer a imaginação dos poetas e escritores nas obras da época. Pois, é importante destacar que, possivelmente, esta sociedade secreta de estudantes é referenciada em algumas obras de escritores que lá estiveram. No poema “Hino do prazer”, de Bernardo Guimarães, há a narração do que parece ser uma reunião bem efervescente entre amigos: “Convivas do prazer, vinde comigo/ Ao falgar dos festins; - encham-se as taças,/ Afine-se o alaúde./ Salve, ruidosos hinos desenvoltos!/ Salve, tinir dos copos!/ Festas de amor, alegres algazaras [...]/ Amor, poesia e vinho.”.

Enquanto que em *Macário*, de Álvares de Azevedo, o personagem Satã aparenta se referir à casa onde os encontros estudantis ocorriam. Ao chegar a São Paulo, Satã diz ao jovem Macário: “Tenho uma casa aqui na entrada da cidade. Entrando à direita, defronte do cemitério.” (AZEVEDO, S/D, posição 6056). Talvez, esses poetas e escritores possam ter passado mais tempo elaborando suas ficções ao invés de realmente vivê-las. Para isso, bastava ver as desgastadas velas, de cabeceiras, desses estudantes para concluir que as leituras se faziam mais presentes em face da vida boêmia exaltada nas obras, como escreve Cilaine Alves (1996).

Em seguida, há a apresentação de dois pontos de vista sobre a imagem de Álvares de Azevedo, a imagem Ariel (a de um homem meigo e puro), muitas vezes estimulada pelos críticos sobre o poeta, serviria para mantê-lo digno de permanecer entre os cânones da literatura nacional. Enquanto a imagem *Caliban* (homem devasso e extravagante), poderia vir a comprovar a virilidade e a masculinidade do poeta. Sendo assim, como escreve o crítico Sílvio Romero, citado na obra, a imagem do poeta foi, muitas vezes, colocada como ambígua.

A seção “Más influências?” tratará de uma grande inspiração para o poeta: Lorde Byron. Neste curto capítulo, é escrita uma pequena trajetória da vida do escritor inglês, mas carregada de detalhes interessantes que trazem ao leitor prováveis aspectos em comum entre Álvares de Azevedo e o poeta inglês. Um desses pontos se dá na relação entre Byron e seus colegas. Apesar do mesmo ter sido casado, estabeleceu relações bem intensas com alguns de seus companheiros, ao ponto do poeta carregar mechas de cabelo masculino, escrever cartas típicas de um romântico apaixonado e, até mesmo, esconder um amante, utilizando um pseudônimo feminino, *Thyrza* — em seus poemas.

E o autor não deixou de criar um espaço para uma passagem importante da vida de Álvares de Azevedo: o travestismo num baile de máscaras. É colocado em cena um dos episódios mais curiosos sobre a vida do biografado, seu disfarce carnavalesco feminino. A vida do poeta paulista é recheada de histórias hilárias, como nascer em uma biblioteca ou, então, que se aproveitava de sua cor pálida e se fingia de morto em brincadeiras estudantis ou tomava vinho em crânios. Mas é esta brincadeira carnavalesca, a qual Álvares replicou para seus familiares (sendo ou não verdade) que seria referida por alguns deles futuramente.

O episódio dá-se em um baile de carnaval, em 1851. O poeta fantasiou-se de mulher e pregou uma peça no ministro italiano, Fé d’Ostiani, pretendente à mão

de sua irmã. Na ocasião, fez o ministro crer que conseguiria coisas além de uma divertida conversa, assim levando Álvarez disfarçado para uma ceia e descobrindo toda a brincadeira posteriormente. Em trecho pesquisado e disponibilizado em *O Crush*, por Jandiro, o poeta faz comentários à sua família sobre a história, conforme relatou Vicente de Azevedo, um parente do poeta. Segundo o relato, Álvares chegou a dizer que “tudo fazia supor uma linda e galante mulherzinha...” (JÚNIOR apud KOCH, 2020, p.33). Será mais uma das narrativas em torno da figura do poeta, muitas das quais podem ser verídicas ou apenas invenção. É dito que do episódio carnavalesco nasceu uma amizade entre Álvares e Fé d’Ostiani. Segundo Vicente de Azevedo a relação de amizade entre o poeta e o ministro rendeu uma homenagem no poema “Itália”. Para Carlos Figari, o ministro teria sido uma de suas “prováveis paixões” (apud KOCH, 2020, p 84): “Pátria do meu amor! terra das glórias”, “Itália” (AZEVEDO, S/D, posição 903).

Em “As cartas comprometedoras”, o leitor terá as aguardadas correspondências entre Álvarez e Silva Nunes, o *crush*. Até este ponto, Jandiro preparara o leitor para que tenha um maior grau de análise perante as cartas expostas em seu livro. Assim como foi com Byron, Álvarez e Mário de Andrade também foram “apagados” em relação ao aspecto de sua sexualidade, ressalta o autor de *O Crush*. Ambos tiveram cartas *comprometedoras* guardadas ou fragmentadas (provavelmente, no caso de Álvares) durante anos. Algumas foram perdidas, permanentemente, talvez. As cartas nos levam, tantas vezes, a reencontrar o poeta romântico, a sua força emotiva. Mas, delicadamente, o autor, algumas vezes, não as comenta e deixa que falem por si: “Não penses também, Luiz, que tenha eu aqui algum novo amor [...]” (KOCH, 2020, p. 45); “E então, meu Luiz, eu senti como que se exala de mim também um hino de tristeza, lânguido como um adeus [...]” (KOCH, 2020, p. 46); “Queixas-te de mim. Dizes-me que te esqueço. E com tudo não tens razão. Fui e sou teu amigo. - Enquanto aqui dentro do peito bater-me quente o coração, teu nome acordará nele uma pulsação; enquanto houver vida em minha alma, haverá nela uma lembrança tua [...]” (KOCH, 2020, p. 48); “Luiz, há aí não sei que no meu coração quem me diz que talvez tudo esteja findo entre nós [...]” (KOCH, 2020, p. 50); “Adeus. Assim como eu te amo, ama-me [...]” (KOCH, 2020, p. 54).

Jandiro emprega autores como o historiador alemão Peter Gay, para mencionar que o amor, no século XIX, surge “emaranhado ao culto à amizade” (KOCH, 2020, p. 58), a palavra “amigo” é levemente mencionada, aqui e ali, ao longo das cartas de Álvares a Silva Nunes. Essas relações homossexuais também são apontadas como bastante duradouras na era vitoriana, pelo mesmo historiador, e poderiam se estender da adolescência à fase adulta (como no caso aqui descrito) ou mesmo sobreviver a casamentos. Sobretudo, é preciso ressaltar: as cartas de Álvares não são tratadas, em momento algum, de uma forma tendenciosa. O autor preocupa-se sempre em mostrar os vários lados da questão, em aproximar-se deste material de forma criteriosa.

Em “Satanás e o mancebo”, Jandiro traz o lado sombrio presente no mundo romântico enquanto discute a imagem subversiva imposta aos homossexuais. Neste breve capítulo, o autor apresenta um pouco do satanismo das obras de Álvares, principalmente em *Macário*, baseando-se no crítico Antonio Candido. Além disso, adiciona o tema central de seu trabalho, a investigação sobre a sexualidade do poeta paulista, visto que Cândido, assim como Mário de Andrade, notaram entre os personagens Satã e Macário uma tensão homoerótica. Sobre esta, escreveu Jandiro, só poderia ser transmitida através de uma metáfora satânica, de acordo com a moral da época. O autor vai sempre ponderando, lançado um olhar que auxilia o leitor contemporâneo a entender o momento vivido por Álvares.

Ressalta-se, ainda, nesta seção o *Almanak Caralhal*. Uma publicação satírica que reúne algumas versões esdrúxulas de alguns poemas famosos, contendo mais de 300 páginas, datado de 1860, mas não possui um autor declarado. O clássico poema “Sonhando”, de Álvares de Azevedo, recebeu uma versão pornográfica de mesmo nome, à qual Jandiro disponibilizou no apêndice de seu livro.

No tópico “Amor e medo”, o autor baseia-se no ensaio, de mesmo nome, produzido pelo modernista Mário de Andrade, em 1931, a respeito da ligação entre a sexualidade e a obra de alguns escritores, dentre eles Álvares de Azevedo. O ensaio do modernista pode ser criticado pela abordagem um tanto preconceituosa para os dias de hoje, pois Mário toca na sexualidade de Álvares de Azevedo baseando-se na “educação entre saias” (ANDRADE, 2002, p.240) que, ainda segundo o autor, “é prejudicial pro desenvolvimento masculino dos rapazes” (ANDRADE, 2002, p.240) ou, ainda, ao trazer de forma argumentativa o conhecimento apurado de Álvares de Azevedo sobre a *toilette* feminina como justificativa para uma possível homossexualidade. No entanto, mais à frente, no livro, em “Outsider”, é ponderada a falta de fontes metódicas, como referências à poesia de Alfred de Musset e Lorde Byron, no ensaio de Mário. É, assim, uma tentativa constante de lançar um olhar renovador sobre a fortuna crítica de Álvares. Ainda nesta seção, Jandiro aprofunda a discussão ao entrar em temas que remeteriam ao próprio Mário de Andrade e a sua sexualidade.

Em “Outsider” são discutidas algumas características de Álvares de Azevedo. Aqui, logo no início, há uma discussão a respeito do pouco contato do poeta com as mulheres. É interessante notar que o próprio Álvares coloca a culpa em seu “corpo franzino” (ROCHA apud KOCH, 2020, p.76), mas, para o crítico literário Hildon Rocha, a falta de uma comunicação clara / “tradução oral” complicaram as coisas. Para ele, Álvares não foi um homem casto, visto que andava na companhia de amigos os quais o conduziam aos *maus lençóis*. Constata-se, assim, esse frequente movimento da crítica em dar-lhe uma feição masculina, ainda que frágil.

No último tópico, com foco em Álvares de Azevedo, “Cabo de guerra”, o autor retoma a discussão sobre “hetero ou homossexual?”. As idealizações do feminino nas obras do poeta são destacadas no início do capítulo para que o leitor pense a respeito do que viria a ser real e fictício nas personagens do poeta, assim

como a Thyrza com aparência de Edleston, no caso de Byron. Por fim, no ponto de vista do autor existem possíveis três caminhos nesta discussão para Álvares de Azevedo – alerta de *spoiler* à frente: heterossexualidade celibatária; heterossexualidade consumada ou a homossexualidade. Qual delas seria? Tanto os leitores quanto o próprio Jandiro gostariam de saber. Ou seja, o autor aponta os vários aspectos que tensionam este cabo de guerra e, ao final, parece deixar nas mãos de seu leitor.

Das seções “Luiz Antônio da Silva (Nunes)” a “Foi bonito, foi...”, o autor investiga a trajetória pessoal e política do possível *crush* de Álvares de Azevedo e acena com uma conclusão, meio em aberto, para a indagação inicial do livro. Como historiador, Jandiro reúne informações sobre Silva Nunes que incluem desde o patrocínio estudantil recebido do imperador Dom Pedro II, o seu casamento à nomeação como presidente da Bahia. O intuito do autor é trazer o registro sobre a vida de Luiz assim como investigar possíveis relacionamentos homoafetivos. Mas nada disto foi encontrado. E encerra com um levantamento do conteúdo apresentado no livro e estabelece correlações com um mundo um pouco mais contemporâneo e próximo de seu leitor. Assume a sua tentação de dizer que Álvares se apaixonou por Luiz, mas, como historiador, admite que vontade pessoal não é o suficiente.

referências bibliográficas

ALVES, Cilaine. *Álvares de Azevedo e o drama romântico*. TRANS/Form/Ação: Revista de Filosofia da UNESP, São Paulo, v. 19, p. 67, 1996.

ANDRADE, Mário de. Amor e medo. In: *Aspectos da literatura brasileira*. 6. ed. Editora Itatiaia, 2002.

AZEVEDO, Álvares de. *Obras Completas de Álvares de Azevedo*: Edição Revista (Literatura Nacional). S/D.

GUIMARÃES, Bernardo. *Inspirações da Tarde*. [S.L.: s.n.], 1858.

KOCH, Jandiro Adriano. *O crush de Álvares de Azevedo*. Porto Alegre: Libretos, 2020.

SALA LIBRETOS 100. *Jandiro Koch em BABÁ... e O CRUSH....* 2020. Disponível em: https://youtu.be/AfI_p2KRA3Y. Acesso em: 15 jun. 2021.